

Intertextualidade em charges jornalísticas brasileiras: “Ainda estou aqui” e a crítica a discursos antidemocráticos¹

Rodrigo Cabrini Dall’Ago²

Edson Carlos Romualdo³

Universidade Estadual de Maringá – UEM

RESUMO

Esta pesquisa investiga como charges jornalísticas brasileiras, publicadas entre novembro de 2024 e março de 2025, mobilizam a intertextualidade para criticar discursos antidemocráticos, dialogando com o filme “Ainda Estou Aqui” (2024), de Walter Salles. Fundamentado nas teorias do Círculo de Bakhtin, nos estudos de Koch (2011) e em Romualdo (2000), o trabalho analisa duas charges que abordam direta ou indiretamente o título do filme, originalmente associado à resistência democrática contra a ditadura militar brasileira. As análises demonstram como os enunciados verbo-visuais operam para criticar e deslegitimar figuras políticas e narrativas autoritárias contemporâneas. As charges são, portanto, importantes enunciados discursivos, inseridos em uma complexa cadeia dialógica, retomando discursos anteriores e interferindo em futuros discursos sobre democracia e justiça histórica no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Ainda Estou Aqui; Intertextualidade; Humor, Jornalismo.

INTRODUÇÃO

O filme “Ainda Estou Aqui” (2024), de Walter Salles, baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva (2015), narra a luta de Eunice Paiva após o desaparecimento de seu marido, Rubens Paiva, preso pelo regime militar em 1971. Eunice e a filha também são detidas e, após a soltura, ela inicia uma trajetória marcada pela busca por justiça e atuação em defesa dos direitos humanos. O atestado de óbito do marido só foi emitido em 1996 (Zago, 2024).

A Comissão Nacional da Verdade, criada em 2011 (Lei 12.528), investigou os crimes da ditadura, identificando 434 mortos e desaparecidos, responsabilizando 377 agentes do Estado (Brasil, 1979; 2011). A investigação forneceu documentos que aprofundaram a narrativa de Marcelo Rubens Paiva (Bittencourt, 2024).

Entre 2021 e 2023, Jair Messias Bolsonaro articulou um plano golpista para permanecer no poder após a derrota eleitoral. Foi denunciado com aliados pela

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, e-mail: rcdallago@gmail.com

³ Professor Associado no Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da UEM, e-mail: ecromualdo@uem.br

Procuradoria Geral da República, por crimes como tentativa de golpe e organização criminosa. A conspiração envolveu ataques ao sistema eleitoral, interferência da Polícia Rodoviária Federal, produção de minutas golpistas e incentivo às manifestações de 8 de janeiro de 2023. O plano falhou por falta de apoio militar. Bolsonaro tornou-se réu no Supremo Tribunal Federal em março de 2025, mas segue defendendo a anistia aos envolvidos (Santos, 2025).

O filme, em função do momento em que é lançado, estabelece um paralelo entre a repressão da ditadura e o autoritarismo recente, mostrando que ambas as forças buscam silenciar opositores e manipular a memória histórica. A resistência de Eunice Paiva contrasta com as tentativas de relativizar crimes do passado. O título do filme, nesse sentido, também simboliza a persistência da democracia frente às ameaças autoritárias e reafirma a presença contínua da memória e da verdade como forma de resistência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são enunciados relativamente estáveis, moldados por campos de atividade humana, como o jornalismo. Adaptando Romualdo (2000), a charge jornalística, enquanto gênero do discurso, se caracteriza por sua crítica humorística a eventos ou personagens políticos, utilizando recursos visuais ou verbo-visuais. Sua natureza é intertextual, pois recupera vozes e textos diversos em sua construção de sentidos.

Embora a intertextualidade tenha surgido ligada à linguagem verbal e literária, Romualdo (2000) propõe sua ampliação para abarcar elementos visuais nas charges, que dialogam com diferentes sistemas semióticos. No jornalismo, essa intertextualidade reflete o papel ativo do discurso na construção da realidade, indo além da simples informação. Assim, as charges frequentemente se relacionam com notícias, editoriais e outros textos jornalísticos, inclusive de plataformas digitais, configurando uma intertextualidade de conteúdo (Koch, 2011).

Além disso, o autor destaca que as charges podem dialogar com textos artísticos (como teatro, música, fotografia), como no caso deste trabalho, que analisa conexões com o filme “Ainda Estou Aqui” (2024). Elas também mobilizam referências a obras de arte, cultura pop, propaganda e ícones culturais, intensificando o humor e a crítica. As relações

intertextuais podem se dar com eventos políticos específicos ou outras charges, sobretudo em contextos de crise.

Romualdo (2000) também introduz o conceito de grau de aderência, que varia conforme a clareza e proximidade entre a charge e o texto a que se refere: pode ser alto (relação direta com texto recente) ou baixo (referência sutil, exigindo mais do leitor). Por fim, destaca duas estratégias discursivas: convergência, quando a charge reforça o sentido do intertexto, e divergência, quando o subverte, por meio de fenômenos como a ironia ou a paródia, os sentidos do intertexto. Ambas podem coexistir, promovendo uma leitura polifônica e crítica.

ANÁLISE DAS CHARGES SELECIONADAS

A primeira charge (Figura 1), publicada em 21 de novembro de 2024, na Folha de S.Paulo, de autoria do jornalista Cláudio de Oliveira, apresenta uma crítica contundente ao envolvimento de figuras políticas na tentativa de golpe de Estado de 2023 no Brasil.



Fonte: Oliveira (2024a).

As três personagens da charge referem-se, por meio de caricaturas feitas pelo chargista, a figuras políticas brasileiras. A fala de Bolsonaro (“Braga Netto, cadê o General Fernandes?”) remete ao relatório da Polícia Federal (PF), divulgado no mesmo dia da publicação, que indiciou Bolsonaro, Braga Netto e Fernandes. Fernandes, preso em 19 de novembro pela PF, por liderar as ações golpistas (Oliveira, 2024b), aparece atrás das grades, vestindo uniforme de presidiário, dizendo: “AINDA ESTOU AQUI!”. A fala retoma integralmente, portanto com alto grau de aderência ao intertexto, o título

do filme “Ainda Estou Aqui” (2024), invertendo seu sentido original de resiliência diante da violência estatal. Na charge, sugere a persistência de resquícios autoritários (fala de Bolsonaro), mesmo após ações de responsabilização (prisão de Fernandes).

O humor se intensifica com a inversão de papéis: figuras que representavam poder, principalmente militar, aparecem subjugadas, o que critica a histórica impunidade de elites militares e políticas. A frase “Golpe Nunca Mais”, grafada acima da estátua, reforça a oposição ao golpismo e remete à memória da ditadura militar (Dorneles, 2024). Some-se a isso, o fato de duas personagens estarem penduradas pelos colarinhos na espada da justiça, que aponta para a cadeia, onde se encontra Fernandes.

Portanto, a charge analisada se encaixa em diversas categorias de intertextualidade. Ela estabelece uma relação com *textos externos ao jornal*, dialogando diretamente com o filme “Ainda Estou Aqui” (2024), e com discursos históricos sobre resistência democrática. Além disso, apresenta relação com *textos verbais e visuais*, combinando a frase “Golpe Nunca Mais” e o balão de fala (“AINDA ESTOU AQUI!”) com a imagem da estátua da Justiça, ressignificada no contexto da punição dos golpistas e do ataque recente ao STF, e o cárcere de Fernandes. Além disso, a charge também se insere em uma *relação com eventos ou datas específicas*, referindo-se à tentativa de golpe de 2023, à prisão de Fernandes (19/11/2024) e ao atentado contra a estátua da Justiça (14/11/2024). Em relação ao filme, a charge estabelece uma *relação de divergência*, pois produz sentidos de que os culpados pela tentativa de golpe serão punidos, o que não acontece com os responsáveis pelo golpe militar e o assassinato de Rubens Paiva, marido de Eunice, no filme.

A próxima charge (Figura 2), intitulada “Tapete vermelho...”, publicada em 07 de janeiro de 2025, por Gilmar Fraga, em suas redes sociais e no jornal Zero Hora, apresenta uma crítica que dialoga indiretamente com o título do filme.

No primeiro quadro, inspirado na cerimônia do Oscar, o tapete vermelho e as estátuas douradas destacam o reconhecimento internacional do filme, indicado em três categorias, simbolizando sua relevância cultural, ao tratar das violações da ditadura militar. O cenário elegante reforça o contraste com o segundo quadro, onde aparece um bolsonarista caricaturado, usando roupas verde-amarelas e um chapéu de viking, fazendo referência à extrema-direita global (Senra, 2021).

A crítica visual se intensifica com o personagem varrendo, para debaixo de um “tapete verde”, símbolos de violência e autoritarismo: um quepe militar, uma caveira, armas, papéis e manchas de sangue. Enquanto oculta os vestígios de crimes, ele exclama: “NOSSO TAPETE JAMAIS SERÁ VERMELHO!”, revelando a obsessão ideológica em rejeitar tudo que remeta à esquerda, mesmo ao custo de negar a violência histórica perpetrada pelo Regime Militar Brasileiro.

Figura 2. Tapete vermelho...



Fonte: Fraga (2025)

Assim, a charge apresenta diferentes categorias de intertextualidade. Ela estabelece uma *relação indireta* com o filme, ao ironizar o negacionismo histórico e político dos personagens bolsonaristas retratados. Além disso, utiliza *textos verbais* e *textos visuais*, criando múltiplas camadas interpretativas que reforçam a crítica humorística ao fazer referência aos atos golpistas e extremistas. Dessa forma, ao mesmo tempo em que critica a tentativa dos discursos bolsonaristas de negar a história, simultaneamente reforça a mensagem de preservação da memória histórica presente no filme.

REFERÊNCIAS

AINDA estou aqui. Direção de Walter Salles. Produção de Maria Carlota Bruno, Rodrigo Teixeira, Martine de Clermont-Tonnerre. Rio de Janeiro: Globoplay, 2024. Streaming.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BITTENCOURT, J. Marcelo Rubens Paiva agradece à Dilma e à Comissão da Verdade por “Ainda estou aqui”. **Revista Forum**, Porto Alegre, 12 nov. 2024. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/cultura/2024/11/12/marcelo-rubens-paiva-agradece-dilma-comisso-da-verdade-por-ainda-estou-aqui-169159.html>. Acesso em: 01 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 ago. 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm. Acesso em: 01 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18. nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12528.htm. Acesso em: 01 abr. 2025.

DORNELES, L. Uma cultura de paz: golpe, aqui? Nunca mais. **Brasil De Fato**, Porto Alegre, 23 nov. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/23/uma-cultura-de-paz-golpe-aqui-nunca-mais-2/>. Acesso em: 01 abr. 2025.

FRAGA, G. Tapete vermelho... **Zero Hora**, Porto Alegre, 24. jan. 2025c. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2025/01/gilmar-fraga-tapete-vermelho-cm69yzit401y5017qta2kfkok.html>. Acesso em: 01 abr. 2025.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2011.

PAIVA, M. R. **Ainda estou aqui**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

OLIVEIRA, de C. Charge de 21.nov.2024. Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 nov. 2024a. Disponível em: <https://cartum.folha.uol.com.br/charges/2024/11/21/claudio-de-oliveira.shtml>. Acesso em: 01 abr. 2025.

OLIVEIRA, C. General preso pela PF era elo entre acampamento golpista em Brasília e Jair Bolsonaro, aponta investigação. **Brasil De Fato**, São Paulo, 21 nov. 2024b. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/19/general-presopela-pf-era-elo-entre-acampamento-golpista-em-brasilia-e-jair-bolsonaro-aponta-investigacao/>. Acesso em: 01 abr. 2025.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Um estudo de charges da Folha de S.Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, K. Bolsonaro está desesperado e tentativa de invalidar processo é em vão porque há provas, dizem analistas. **Brasil De Fato**, Porto Alegre, 20 fev. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/20/bolsonaro-esta-desesperado-e-tentativa-de-invalidar-processo-e-em-vao-porque-ha-provas-dizem-analistas/>. Acesso em: 01 abr. 2025.

SENRA, R. 'Tribalismo masculino': a seita violenta ligada ao 'viking' em invasão ao Congresso dos EUA. **BBC News Brasil**, Londres, 07 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226>. Acesso em: 01 abr. 2025.

ZAGO, T. “Ainda estou aqui”: testemunho de uma história trágica. **Café História**, Brasília, 15 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/ainda-estou-aqui-testemunho-de-uma-historia-tragica>. Acesso em: 01 abr. 2025.